

1. Título da atividade: O modo-empresa e o trabalho no chão do SUS: silenciamentos e resistências

2. Modalidade: Oficina

3. Nome da pessoa proponente responsável: Mara Isa de Vasconcelos Coracini

Demais proponentes: Virginia Junqueira, Ângela Capozzollo, Fernando Mostaço da Mata

4. Instituição / coletivo / movimento (se houver) - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Formação e Trabalho em Saúde (Lepets), da Unifesp campus Baixada Santista

5. E-mail de contato: maraisacoracini@gmail.com

6. Cidade e Estado – São Paulo, SP.

7. Descrição da proposta (até 2.000 caracteres): objetivo, tema central, contexto e relevância para a Saúde Pública e o SUS.

Esta oficina tem como objetivo discutir os atravessamentos do modo-empresa e da lógica neoliberal no trabalho realizado no chão do Sistema Único de Saúde (SUS). Parte-se da compreensão de que tais lógicas têm impactado o processo e a organização do trabalho, com efeitos significativos sobre as trabalhadoras e os trabalhadores e no cuidado ofertado.

O modo-empresa relaciona-se com novas formas assumidas pelo neoliberalismo que se expressam não apenas na disputa pelos recursos públicos, nas terceirizações da gestão para Organizações Sociais, mas também na incorporação de modelos empresariais nos serviços públicos de saúde, que repercute no campo das relações sociais e nos modos de viver, pensar e sentir. A sociabilidade no trabalho passa a ser ordenada segundo um modelo de mercado e as pessoas trabalhadoras passam a ver a si próprias como uma empresa, assumindo a responsabilidade pelas falhas e fracassos institucionais.

Nesse cenário, observamos uma intensificação do trabalho orientado para o cumprimento de metas, precarização e instabilidade de vínculos empregatícios, fragilização dos processos de cuidado, perda de espaços democráticos de decisão, distanciamento dos princípios do SUS e silenciamentos dos profissionais.

A relevância da oficina reside na possibilidade de favorecer o reconhecimento coletivo dos processos vivenciados pelas trabalhadoras e trabalhadores do SUS, bem como identificar, mapear e fortalecer as estratégias de resistência que também vêm sendo produzidas no cotidiano dos serviços, contribuindo para a defesa do SUS como uma política pública universal.

8. Metodologia: estratégias pedagógicas e/ou participativas, forma de condução e público-alvo.

A oficina tem como perspectiva a utilização de metodologias participativas com ênfase no compartilhamento e na análise coletiva das experiências vivenciadas no trabalho, na pesquisa e na formação no âmbito do SUS.

A condução da oficina pretende favorecer a troca de experiências entre os participantes, utilizando a construção de narrativas e cenas do cotidiano de trabalho como disparadores para a conversa em roda e problematização.

Pretende-se uma síntese coletiva expressa em um produto a ser construído junto aos participantes da oficina.

O público-alvo da oficina: trabalhadoras e trabalhadores do SUS, pesquisadoras(es) e estudantes, interessadas na reflexão crítica sobre o trabalho em saúde e os desafios contemporâneos da saúde pública.

9. Carga horária sugerida: 4h

10. Número estimado de participantes (mínimo e máximo). Mínimo 4 e máximo de 25

11. Necessidades de infraestrutura: tipo de sala, equipamentos e outros recursos.

Sala com possibilidades de formação de grupos, cadeiras móveis, equipamento multimídia, papel e caneta.

12. Contribuição da atividade para o Congresso: diálogo com os desafios do SUS, Saúde Coletiva e eixos do congresso.

A atividade pretende contribuir para compreender os desafios contemporâneos do SUS e da Saúde Coletiva ao problematizar os impactos da lógica neoliberal e do modo- empresa sobre a gestão, o trabalho em saúde e os processos de cuidado.

Ao valorizar a escuta e o compartilhamento de experiências dos participantes, a oficina reafirma a centralidade da democracia no cotidiano dos serviços e da construção coletiva como princípio estruturante da política pública de saúde, fortalecendo o debate sobre o trabalho e gestão em saúde.

Dessa forma, a atividade pretende contribuir para a reflexão crítica sobre modelos de gestão, para a defesa do SUS enquanto política pública universal e para a produção de alternativas comprometidas com a participação, a autonomia e a democracia no trabalho em saúde.

Eixo do Congresso: Trabalho e gestão do trabalho em saúde.